

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DO SEBRAE E SEUS PARCEIROS INSTITUCIONAIS

WOMEN'S REPRESENTATION IN THE DISCURSIVE STRATEGIES OF SEBRAE AND ITS INSTITUCIONAL PARTNER

LA REPRESENTACIÓN DE LA MUJER EN LAS ESTRATEGIAS DISCURSIVAS DEL SEBRAE Y SUS SOCIOS INSTITUCIONALES

*Cristiane Gomes de SOUZA**

Resumo: O presente estudo constitui uma análise preliminar aos estudos da tese de doutoramento em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas – PPGLL/UFAL, e tem por finalidade analisar, a partir dos fundamentos da Análise do Discurso de linha francesa com a filiação teórico-metodológica do materialismo histórico, como as práticas discursivas do SEBRAE e Parceiros constroem representações sobre a mulher no mundo do trabalho com a escritura do discurso capitalista. Busca também compreender o processo de produção de sentidos e identificar a desigualdade nas relações de gênero, sendo regidas e determinadas pelas relações de classe, por meio do antagonismo Capital X Trabalho. Para tanto, interessa, nesse estudo, o sujeito do discurso, de modo a desvelar alguns aspectos sociais que versam sobre a mulher na atualidade por meio da análise sobre os indicadores de homens e mulheres no mercado de trabalho a partir de sequências discursivas dos relatórios executivos do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) 2015 e do Progresso das Mulheres no Mundo 2015-2016. O corpus da pesquisa - o material empírico dos relatórios executivos supracitados - ratifica as desigualdades no mercado de trabalho, historicamente, como um *lôcus* fundamental de análise de gênero, uma vez que explicita as relações de poder que se articulam e reforçam assimetrias em outros campos da vida social, sobretudo porque o discurso remete a exploração da mulher pelo mercado/SEBRAE. Os resultados da pesquisa apontam que as mulheres enfrentam grandes dificuldades no mercado de trabalho, com rendimentos menores que os homens e que a dupla jornada de trabalho incide impactos diferenciados sobre suas vidas.

Palavras-chave: Análise do Discurso; SEBRAE; Mulher; Desigualdades de Gênero.

Abstract: The present study constitutes a preliminary analysis to the studies of the doctoral thesis in Linguistics by the Post-Graduate Program in Letters and Linguistics of the Federal University of Alagoas - PPGLL / UFAL, and aims to analyze, from the

* Psicóloga, pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió; Mestre em Serviço Social, pela Universidade Federal de Alagoas; e Doutoranda em Letras e Linguística, pela Universidade Federal de Alagoas. Contato: cristianesouza_psi@hotmail.com.

foundations of Discourse Analysis of French line with the theoretical-methodological affiliation of historical materialism, as the discursive practices of SEBRAE and Partners build representations on women in the world of work with the writing of capitalist discourse. It also seeks to understand the process of meaning production and identify inequality in gender relations, being governed and determined by class relations, through Capital X Work antagonism. To this end, the subject of discourse is interested in this study, in order to reveal some social aspects that deal with women today, through the analysis of the indicators of men and women in the labor market from the discursive sequences of the executive reports The Global Entrepreneurship Monitor (GEM) 2015 and the Progress of Women in the World 2015-2016. The corpus of research - the empirical material of the above-mentioned executive reports - ratifies inequalities in the labor market, historically, as a fundamental locus of gender analysis, since it explicitly articulates power relations that articulate and reinforce asymmetries in other fields of Social life, especially since the discourse refers to the exploitation of women by the SEBRAE / market. The results of the research indicate that women face great difficulties in the labor market, with lower incomes than men and that double working hours have different impacts on their lives.

Keywords: Discourse Analysis; SEBRAE; Woman; Gender Inequalities.

Resumen: Esta investigación constituye un análisis preliminar a los estudios de la tesis de doctorado en Lingüística por el Programa de Pós-Graduação em em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas - PPGLL / UFAL, y tiene por finalidad analizar, con base en los fundamentos de la escuela francesa de análisis del discurso con la filiación teórico-metodológica del materialismo histórico, cómo las prácticas discursivas del SEBRAE y Socios construyen representaciones sobre la mujer en el mundo del trabajo con la escritura del discurso capitalista. Además, busca también comprender el proceso de producción de sentidos e identificar la desigualdad en las relaciones de género, siendo regidas y determinadas por las relaciones de clase, por medio del antagonismo Capital X Trabajo. Para ello, interesa, en ese estudio, al sujeto del discurso, de manera a desvelar algunos aspectos sociales que versan sobre la mujer en la actualidad por medio del análisis a respecto de los indicadores de hombres y mujeres en el mercado de trabajo a partir de secuencias discursivas de los informes ejecutivos del Global Entrepreneurship Monitor (GEM) 2015 y del Progreso de las Mujeres en el mundo 2015-2016. El corpus de la investigación -el material empírico de los informes ejecutivos mencionados- ratifica las desigualdades en el mercado de trabajo, históricamente, como un locus fundamental de análisis de género, ya que explicita las relaciones de poder que se articulan y refuerzan asimetrías en otros campos de la vida social, principalmente porque el discurso remite la exploración de la mujer por el mercado/SEBRAE. Los resultados de este estudio indican que las mujeres enfrentan grandes dificultades en el mercado de trabajo, con sueldos menores que de los hombres y que la doble jornada de trabajo incide impactos diferenciados sobre sus vidas.

Palabras clave: Análisis del Discurso; SEBRAE; Mujer; Desigualdades de Género.

Introdução

As mudanças, ditas de mercado, ressaltam os constrangimentos (ainda) distintos entre homens e mulheres e revelam tensões da clássica dualidade entre produção e reprodução. Nesse sentido, o presente estudo pretende discutir conceitos tais como discurso, gênero e trabalho no capital, de modo a analisar as configurações que emergem nos últimos anos.

Para atingir o objetivo proposto, será analisado um conjunto de sequências discursivas, e chegar às premissas da ideologia a partir de alguns indicadores de homens e mulheres no mercado de trabalho brasileiro a partir de cruzamentos de dados dos relatórios executivos do SEBRAE, do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) 2015 e do *Progresso das Mulheres no Mundo* 2015-2016. Opta-se por trabalhar com recortes para evidenciar o processo de desvelar a ideologia predominante. As análises permitem tanto delinear as desigualdades entre a força de trabalho feminina e masculina quanto pensar a própria dinâmica de tratamento do capital junto às trabalhadoras mulheres.

Além disso, o discurso do SEBRAE e seus parceiros institucionais naturaliza as relações de gênero e a divisão sexual do trabalho que ele produz. Trata-se do processo que legitima e torna inquestionáveis, o significado socialmente estabelecido e a separação entre categorias como “mercado de trabalho” e “lar”. A construção e a distinção entre estas duas esferas legitimam que os homens participam de um mercado de trabalho remunerado tido como tipicamente masculino, e que as mulheres se limitam à esfera doméstica, desempenhando atividades tipicamente femininas (trabalho doméstico; reprodução e nutrição; tarefas de cuidado com crianças, doentes e idosos).

As análises permitem tanto delinear as desigualdades entre a mão-de-obra feminina e masculina quanto pensar a própria dinâmica de tratamento do capital junto às trabalhadoras mulheres. Os achados desse estudo apontam as assimetrias de poder nas relações de gênero constituem um dos eixos edificantes da desigualdade social, e que raízes históricas na incorporação das dimensões materiais e simbólicas da divisão sexual do trabalho.

As transformações nas relações de trabalho do sistema capitalista acarretaram a desarticulação das relações sociais entre trabalho produtivo remunerado e trabalho efetuado para reprodução – separação que se evidencia sobremaneira na construção do discurso e do imaginário social burguês. Além disso, o discurso naturaliza as relações de gênero e a divisão sexual do trabalho que ele produz. Trata-se do processo que legitima e torna inquestionáveis, o significado socialmente estabelecido e a separação entre categorias como “mercado de trabalho” e “lar”. A construção e a distinção entre estas duas esferas legitimam que os homens participam de um mercado de trabalho remunerado tido como tipicamente masculino, e que as mulheres se limitam à esfera doméstica, desempenhando atividades tipicamente femininas (trabalho doméstico; reprodução e nutrição; tarefas de cuidado com crianças, doentes e idosos).

O que se pretende é apresentar o modo como o discurso retrata as relações mulher/homem, e apresenta o lugar da mulher no mundo dos negócios. E, para nortear o estudo, considera-se a construção de três seções, ancoradas em procedimentos analíticos definidos à luz do referencial da teoria marxista. A primeira apresenta os fundamentos teóricos relevantes sobre o Discurso e a AD que norteiam a análise da materialidade discursiva escolhida. A segunda sobre as questões de gênero, ao tratarmos sobre os múltiplos papéis da mulher. A terceira parte comporta as análises do *corpus*, pelos locutores, na condição de representantes de uma ideologia.

1 Sobre o Discurso

O discurso funciona e é produzido em um determinado momento histórico e social e como é tecido por “milhares de fios ideológicos” (BAKHTIN, 1990, p. 86).

No processo de produção do discurso, como fala o autor, pode-se reiterar que, no sentido atribuído por Bakhtin, ocorre um complexo processo de inter-relação entre “sujeitos falantes” e o meio social em que vivem, e nessa inter-relação os sujeitos sustentam determinadas posições em relação a determinadas formações ideológicas. Mais que isso, considerando o lugar teórico adotado como direção para o presente estudo, entende-se *discurso* como sendo um todo complexo que não se restringe apenas ao texto, pois ele representa “um todo

concreto que resulta de processos próprios das relações sócio históricas” (AMARAL, 2007, p. 20). Nas palavras de Marx,

O concreto é concreto já que constitui a síntese de numerosas determinações, ou seja, a unidade da diversidade. Para o pensamento constitui um processo de síntese e um resultado e não um ponto de partida. É para nós o ponto de partida da realidade e, portanto, da percepção e da representação (MARX, 1974, p. 38).

Como se entende, o concreto encontra-se no ponto de partida e no ponto de chegada. Contudo, se o real não for considerado pelo pesquisador em sua riqueza e extensão, o mesmo não será reencontrado no ponto de chegada do processo científico sequer em seu aspecto fenomênico ou reduzido.

Para o analista do discurso, importa que o objeto de sua observação (imediata) é o texto sendo também ponto de partida da investigação. Destarte, para o Materialismo Histórico o concreto deve estar igualmente no ponto de saída (conhecimento imediato) e no ponto de chegada (conhecimento mediato) do processo científico. E eis o que diferencia o método no Materialismo Histórico com outros métodos: o concreto pensado é uma reprodução enriquecida do concreto no plano da consciência e não uma produção do concreto pela consciência.

Para os autores, na perspectiva da Análise de Discurso é “insuficiente conceber a língua como a base de um léxico e de sistemas fonológicos, morfológicos e sintáticos” (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, p.172), pois ela deve ser vista como o lugar onde os sentidos estão em funcionamento. Isto porque, todo discurso é fundamentalmente heterogêneo e está exposto ao equívoco porque se relaciona sempre com um discurso-outro. A possibilidade de interpretar existe exatamente por causa dessa alteridade nas sociedades e na história, que possibilita a ligação, a identificação, a transferência. “E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem-se organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes” (PÊCHEUX, 1997, p. 54). Nessas condições, Pêcheux diz que:

Todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas, de todo modo,

atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço (PÊCHEUX, 1990, p. 56).

A reflexão promovida pela AD, de origem francesa, que surge na década de 1960 com Michel Pêcheux, resulta da relação entre as contribuições do Marxismo, da Linguística e da Psicanálise e suas especificidades. E por meio dessas áreas de conhecimento, a Análise do Discurso considera o discurso como objeto de estudo, o que, de acordo com Orlandi (2003), afeta essas áreas de conhecimento em seu conjunto. Para a autora, “o discurso é palavra em movimento, prática de linguagem: com o discurso observa-se o homem falando e (...) O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana” (PÊCHEUX, 1990, p. 15).

O discurso funciona e é produzido em um determinado momento histórico e social e como é tecido por “milhares de fios ideológicos” (BAKHTIN, 1990, p. 86). Pêcheux (1988) auxilia a análise ao afirmar que:

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. [...], não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. [...] Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

Para Pêcheux, as formações discursivas “determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa, etc.) a partir de uma posição [ideológica] dada numa conjuntura” (1988, p. 160). A formação discursiva determina “o que pode e deve ser dito” a partir do lugar, da posição social, histórica e ideológica de quem enuncia o discurso.

E considerando os fundamentos teóricos expostos, mesmo em breve esboço de contexto, entende-se que a Análise do Discurso, em sua filiação no Materialismo Histórico, é fundamental para entender os antagonismos sobre os quais se sustentam o modo de produção

capitalista dissimulados em duas formas ideológicas básicas – a do capital e do trabalho – a partir da função que exercem no processo de reprodução e transformação das relações de produção.

2 A força de trabalho da Mulher

A desigualdade entre homens e mulheres persiste nos mercados de trabalho globais, em relação às oportunidades, ao tratamento e aos resultados. Nas últimas duas décadas, os significativos progressos alcançados pelas mulheres na educação não se traduziram numa melhoria comparativa na sua situação no trabalho.

A desigual distribuição de cuidados não remunerados e das tarefas domésticas entre homens e mulheres e entre as famílias e a sociedade é um fator determinante das desigualdades entre homens e mulheres no trabalho. Segundo a OIT (2016), as mulheres têm uma maior probabilidade de ficar desempregadas do que os homens, com taxas de desemprego global de 6,2 por cento, contra 5,5 por cento para os homens. O desemprego afeta mais as mulheres jovens do que os homens jovens em quase todas as regiões do mundo.

Segundo dados do Relatório OIT Mulheres no Trabalho (2016), OIT (2016, p. 3),

Entre 1995 e 2015, a taxa de atividade global da população feminina diminuiu de 52,4 por cento para 49,6 por cento. Os números correspondentes para os homens são respetivamente de 79,9 e 76,1 por cento. As oportunidades de participação das mulheres no mercado de trabalho no mundo permanecem quase 27 pontos percentuais abaixo das oportunidades dos homens (OIT, 2016, p. 3).

Ainda segundo a OIT (2016), as mulheres têm uma maior probabilidade de ficar desempregadas do que os homens, com taxas de desemprego global de 6,2 por cento, contra 5,5 por cento para os homens. Globalmente, o desemprego jovem continua a ser um motivo de preocupação. O desemprego afeta mais as mulheres jovens do que os homens jovens em quase todas as regiões do mundo.

As mulheres continuam sobrerrepresentadas como trabalhadoras familiares não remuneradas. A segregação setorial e profissional contribui significativamente para as disparidades de gênero, quer em termos do número quer da qualidade dos postos de

trabalho. Uma análise a 142 países mostra que as mulheres permanecem sobrerrepresentadas (em comparação com a sua participação no emprego total) em profissões como: pessoal de secretariado, serviços e de vendas e em profissões não qualificadas (OIT, 2016).

O tempo de trabalho excessivo tem, também, implicações para a conciliação saudável do trabalho com a vida familiar e a distribuição equilibrada entre mulheres e homens das tarefas domésticas não remuneradas e da prestação de cuidados (OIT, 2016). Mais que isso, há uma maior probabilidade das mulheres trabalharem menos horas numa atividade remunerada de qualquer natureza, e para a OIT:

Quer nos países de rendimento elevado, quer nos de baixo rendimento, as mulheres continuam a trabalhar menos horas no emprego remunerado, enquanto se ocupam da maior parte das tarefas domésticas não remuneradas e da prestação de cuidados. As mulheres realizam, em média, pelo menos duas vezes e meia mais tarefas domésticas não remuneradas e de cuidados do que os homens (nos países com dados disponíveis). Embora esta desigualdade entre homens e mulheres permaneça substancial, tem diminuído ao longo do tempo, principalmente devido a alguma redução no tempo gasto pelas mulheres nos trabalhos domésticos, embora não tenha havido nenhuma redução significativa no tempo dedicado aos cuidados às crianças. As mulheres, no entanto, continuam a trabalhar mais horas por dia do que os homens quando se considera o trabalho pago e o trabalho não remunerado. Em particular, as mulheres trabalhadoras (por conta própria ou por conta de outrem e que recebem um salário) têm, em média, dias de trabalho mais longos do que os homens trabalhadores, com um diferencial de género, de 73 e 33 minutos por dia, respetivamente nos países em desenvolvimento e nos países desenvolvidos. Mesmo quando estão empregadas, continuam a realizar a maior parte das tarefas domésticas não remuneradas e de cuidados, o que limita a sua possibilidade de aumentar o número de horas trabalhadas no trabalho remunerado, formal e no trabalho por conta de outrem e remunerado (OIT, 2016, p. 7).

Consequentemente, existe, nos 100 países inquiridos, mais de um terço dos homens no mercado de trabalho (35,5 por cento) e mais de um quarto das mulheres (25,7 por cento) trabalham mais de 48 horas por semana. Em todo o mundo, as mulheres representam menos de 40 por cento do emprego total, mas constituem 57 por cento das pessoas que trabalham a

tempo parcial. O tempo de trabalho excessivo tem, também, implicações para a conciliação saudável do trabalho com a vida familiar e a distribuição equilibrada entre mulheres e homens das tarefas domésticas não remuneradas e da prestação de cuidados (OIT, 2016). Sobre esses dados, revelam-se as possibilidades de acumulação de capital e a reprodução social de que lhe é necessária, assim sendo:

É na cotidianidade da vida familiar que se processa a socialização da força de trabalho, apta em todos os níveis de seu existir (corpóreo, psicológico, etc.) para exercer a plenitude de sua realização e quanto criadora de valor na produção capitalista (MAGALHÃES, 2005, p. 29).

Em decorrência desse cenário, pode-se afirmar que as relações sociais de gênero, representadas pela desigual divisão sexual do trabalho, baseiam-se na articulação do trabalho assalariado feminino com as suas funções de reprodução, uma vez que as relações de gênero no espaço produtivo e na esfera reprodutiva apresentam relação de exploração e opressão respectivamente. Mészáros lembra que:

O modo de funcionamento do capital em todos os terrenos e todos os níveis do intercâmbio societário é absolutamente incompatível com a necessária afirmação prática da igualdade substantiva, a causa da emancipação das mulheres tende a permanecer *não-integrável* e no fundo irresistível, não importa quantas derrotas temporárias ainda tenha de sofrer quem luta por ela (MÉSZÁROS, 2002, p 272).

Tudo isso indica que a luta por uma divisão sexual do trabalho justa se refere, portanto, também a uma luta contra o próprio capitalismo. Esse embate tem como cerne a superação da hierarquização das relações entre gênero e classe, evidenciadas pela divisão sexual do trabalho, presentes nos espaços do trabalho e da reprodução, ou seja, em todas as esferas da vida que permeiam uma relação de exploração/dominação. E de fato, uma divisão sexual do trabalho desigual, na lógica dominante, e irresistível para quem luta por ela.

E se é possível considerar que a divisão sexual do trabalho é um fenômeno histórico que se metamorfoseia de acordo com a sociedade da qual faz parte, também vale dizer que na sociedade capitalista, efetivado pela família quanto pelo Estado e pelo conjunto das relações sociais, o trabalho doméstico permanece

predominantemente sob a responsabilidade das mulheres, estejam elas inseridas no espaço produtivo ou não. Sobre isso, importante destacar que:

A reprodução social se utilizará ideologicamente desta divisão, determinando que as tarefas necessárias à manutenção do sistema serão executadas em espaços diferenciados: a reprodução biológica e cotidiana será realizada pela família no espaço da casa, e a reprodução econômica e legal será feita no espaço da rua, nas fábricas e órgãos públicos da administração e do poder (MAGALHÃES, 2005, p. 34-35).

Sendo assim, a responsabilidade das tarefas domésticas pelas mulheres que desempenham um trabalho assalariado no mundo da produção caracteriza a tripla jornada de trabalho, mesmo com todas as consequências decorrentes, tais como a exploração do capital e a opressão de gênero. Segundo Amaral,

Para responder aos fins de reprodução da ordem social capitalista, o trabalho tem funções indissociáveis; estão amarradas umas às outras, e só existem uma em relação às outras. São elas: a produtiva, a simbólica e a disciplinar. A função produtiva, mais precisamente representada pela produção da mais-valia, pelo excedente para a acumulação do capital, para o lucro, é a finalidade primeira do sistema capitalista. A função simbólica é constituída pela “linguagem” de todos os signos que representam um complexo imaginário construído sobre o trabalho, como é o caso, sobretudo, do papel simbólico representado pelo dinheiro, salário que paga trabalho. A função disciplinar se estabelece a partir das normas, das leis a serem obedecidas pelas partes que firmam um contrato; para a organização e controle da força de trabalho; para a minimização dos conflitos comumente gerados numa sociedade dual, constituída por grupos (menores) que mandam e por grupos (maiores) que obedecem (AMARAL, 2007, p. 43).

Contudo, no capitalismo, o discurso sobre o trabalho acaba por silenciar as funções citadas acima, e como simulacro de unicidade na diversidade de interesses, instituições fazem circular um discurso que minimizam o sofrimento dos trabalhadores no “processo de trabalho” (MARX, 2004a), tratando da concessão de uma “vida digna”.

Na verdade, o trabalho, na conformação capitalista, serve ao capital, não somente pela exploração da força de trabalho feminina no espaço produtivo, mas também porque as atividades desenvolvidas pelas mulheres na esfera doméstica garantem, entre outras coisas, a manutenção das “trabalhadoras” no mundo do trabalho assalariado. A invisibilidade das mulheres no mundo do trabalho persiste na sociedade influenciada pela forma como ocupa esses espaços e pelos mecanismos sociais de dominação.

As desigualdades são indissociáveis dos valores e representações ainda dominantes. O movimento de crescente inserção das mulheres na atividade remunerada não foi acompanhado por movimento de sentido inverso e igual intensidade, por parte dos homens, resultando em duplas (ou triplas) jornadas de trabalho e menores possibilidades efetivas de dedicação à carreira para aquelas. E as disparidades salariais encontradas refletem a segmentação das mulheres em ocupações tipicamente femininas que são marcadas por salários inferiores. Os maiores diferenciais encontrados são mulheres nas categorias de trabalhadoras dos serviços, vendedoras dos comércios e mercados e profissionais das ciências e intelectuais (IBGE, 2010).

O movimento de crescente inserção das mulheres na atividade remunerada não foi acompanhado por movimento de sentido inverso e igual intensidade, por parte dos homens, resultando em duplas (ou triplas) jornadas de trabalho e menores possibilidades efetivas de dedicação à carreira para aquelas. A ampla maioria das trabalhadoras continua refém de relações sociais que ainda pensam a família como principal instituição de cuidado. Concretamente isso representa o tradicional binômio homem-provedor e mulher-cuidadora.

3 O SEBRAE, seus Parceiros Institucionais e suas estratégias discursivas

Sobre a força de trabalho feminina, já exposta anteriormente, aqui se iniciam os primeiros gestos de análises sobre os indicadores de homens e mulheres no mercado de trabalho a partir de cruzamentos de dados conforme as sequências discursivas dos relatórios executivos do (GEM) 2015 e do Relatório Progresso das Mulheres no Mundo 2015-

2016 que valorizam o empreendedorismo feminino e traz assuntos que interessam à mulher, mas não que sejam específicos para ela.

Ao definir o material empírico, nas primeiras análises para essa pesquisa, apoia-se na análise do *corpus* concentrada na composição de sequências discursivas extraídas das materialidades citadas e seus efeitos de sentido. O projeto *Global Entrepreneurship Monitor*, iniciado em 1999 com uma parceria entre a *London Business School* e o *Babson College*, abrange quase 100 países e tem como objetivo compreender o papel do empreendedorismo no desenvolvimento econômico dos países.

Segundo GEM (2015):

Entende-se como empreendedorismo qualquer tentativa de criação de um novo empreendimento, como, por exemplo, uma atividade autônoma, uma nova empresa ou a expansão de um empreendimento existente. É importante destacar que o foco principal é o indivíduo empreendedor, mais do que o empreendimento em si (GEM, 2015, p. 7).

Do referido projeto, o Brasil participa desde 2000, onde a pesquisa é conduzida pelo Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP) e apoio técnico e financeiro do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Desde 2011, o Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios da Fundação Getúlio Vargas tornou-se também parceiro do projeto. Conforme as taxas de empreendedorismo¹ estabelecido, o relatório GEM (2015) destaca a seguinte Sequência Discursiva:

SD1

- ✓ **Homens são mais ativos do que as mulheres.**
- ✓ Indivíduos na faixa etária dos 45 aos 54 anos são os mais ativos.
- ✓ Na faixa dos 18 aos 24 anos são os menos ativos.

¹ Taxas de empreendedorismo – indicam o percentual (%) da população total de 18 a 64 anos (taxa geral) que é considerada empreendedora (em estágio nascente, novo ou estabelecido); ou o percentual (%) dos que são considerados empreendedores em estratos da mesma população (taxas específicas). Os estratos podem ser subdivisões segundo o gênero, faixas de idade, níveis de renda, etc.

- ✓ Indivíduos com escolaridade inferior ao primeiro grau são os mais ativos. Indivíduos com curso superior completo são os menos ativos.
- ✓ Indivíduos com **renda familiar entre 3 e 6 salários mínimos e acima de 9 salários mínimos são os mais ativos. Indivíduos com renda inferior a 3 salários mínimos são os menos ativos** (GEM, 2015, p.12, grifos nosso).

Da sequência discursiva (SD1) acima, vê-se que o relatório articula o seu discurso ao discurso de outrem ao comparar homens e mulheres, e outros relatórios de parceiros participantes da pesquisa. Quando se analisa os índices por escolaridade ligada a rendimento do trabalho conforme a taxa de empreendedorismo apresentada acima, vê-se que as diferenças entre homens e mulheres são silenciadas. Mesmo que ambos tenham a mesma média de anos de estudo, os homens ganham mais que as mulheres. Tais informações sobre o rendimento do trabalho silenciam que as mulheres alcançam remunerações inferiores à dos homens.

Mais que isso, as mulheres continuam a ter a maior parte da responsabilidade pelo trabalho doméstico e a tendência a diminuição da participação feminina na força de trabalho se justifica. E nesse cenário, a condição feminina aparece como questão social complexa e investigar as práticas discursivas do GEM possibilita reconhecer a ainda mais complexidade que envolve o tema, bem como o pluralismo dos interesses sociais e das formas de poder. Além disso, os homens ocupam uma posição mais favorável no mercado de trabalho que as mulheres, em parte devido a essa segregação ocupacional de que trata o relatório. As ocupações “masculinas” tendem a ser mais valorizadas que as “femininas”, no sentido de que tendem a ser mais bem remuneradas, têm mais status e mais autoridade no que concerne às qualificações e habilidades dos que trabalham nestas ocupações.

A ONU Mulheres fez, em junho de 2015, o lançamento mundial do relatório “Progresso das Mulheres no Mundo: Transformar as economias para realizar direitos” conduzido por sua diretora regional, Luiza Carvalho.

Com relação aos seus objetivos, a instituição visa “apoiar os organismos intergovernamentais como a Comissão do Status da

Mulher na formulação de políticas, padrões e normas globais, e ajudar os Estados-membros a implementar estas normas, fornecendo apoio técnico e financeiro adequado para os países que o solicitem, bem como estabelecendo parcerias eficazes com a sociedade civil.” (ONU MULHERES, 2015, SOBRE A ONU MULHERES).

Tratam sobre os direitos econômicos e sociais das mulheres – entre eles trabalho decente, saúde no trabalho, apoio na tarefa de cuidados de outras pessoas e segurança na velhice são temas abordados. O documento aponta que frequentemente os direitos econômicos e sociais das mulheres são limitados porque elas são forçadas a viver em “um mundo de homens”. O relatório indica que as mulheres ocupam os empregos com menores remunerações e baixa qualidade e que ainda são responsáveis pela carga excessiva de trabalho de cuidados (trabalho doméstico não remunerado referente aos cuidados com filhas e filhos, pessoas idosas e doentes e com a administração do lar), algo que as políticas de austeridade e os cortes orçamentários têm intensificado. As Sequências Discursivas (SD) extraídas do Relatório tratam que:

SD2

A Entidade **foca na questão do empoderamento econômico das mulheres, acreditando que investir na capacitação econômica das mulheres é um caminho para a igualdade de gênero, a erradicação da pobreza e o crescimento econômico inclusivo.** Reconhecendo que conseguem contribuir de maneira positiva na economia, seja em pequenos negócios, em fazendas, como empresárias ou trabalhadoras, até mesmo desempenhando tarefas domésticas, **o seu trabalho é capaz de gerar um lucro que é direcionado para as mais diversas áreas da economia, principalmente para educação e alimentação, aquecendo os fluxos comerciais e favorecendo a comunidade da qual a mulher faz parte** (ONU MULHERES, 2015, grifos nosso).

O Relatório sustenta a ideia de que os Estados:

SD3

Devem tomar como **prioridade a criação de medidas para corrigir as desvantagens socioeconômicas das mulheres**. As medidas devem ser voltadas para a cobertura dos salários mínimos, a proteção social, incluindo pensões e cuidados de saúde a todas as trabalhadoras. Além disso, também é vital fornecer um nível básico de segurança de renda, os **Estados devem criar condições para salvaguardar as trabalhadoras independentes, garantindo meios para que estas possam ter condições de iniciarem seus negócios** (ONU MULHERES, 2015, grifos nosso).

Das sequências acima, entende-se a complexidade da questão do Estado e a necessidade de o estudar com persistência e paciência, seja pela sua complexidade intrínseca, seja perante as manipulações e falsificações que dela faz a burguesia. Pode-se, então, perceber claramente que o atual Estado, na forma em que está estruturado não garante a liberdade e a igualdade, nem mesmo até de uma só classe, a burguesia. Todavia, não se sabe quando ou como essa forma de Estado deverá ser superada, mas vale dizer do desafio histórico de identificar os meios concretos (objetivos e subjetivos) pelos quais a classe trabalhadora possa empreender uma luta de classes exitosa no sentido de alcançar a emancipação humana, nos termos colocados por Marx.

Assim, é parte da sua natureza a necessidade crucial de conservar, recompor e criar novas formas de divisão social para manter neutra a dominação de classe. O Estado capitalista corresponde a uma estrutura política controlada pelo capital. Para Mészáros (2002, p.19), o Estado é inconcebível sem o capital, que é o seu real fundamento. O capital, por sua vez, precisa do Estado como seu complemento necessário. Assim, é parte da sua natureza a necessidade crucial de conservar, recompor e criar novas formas de divisão social para manter neutra a dominação de classe.

E independente de seu conteúdo, alienantes ou engajados, o GEM e o Relatório Progresso das Mulheres no Mundo constituem meios poderosos, no sentido econômico, também como influência ideológica, formadores de opiniões e comportamentos femininos, ao mesmo tempo que criadores de mitos.

Considerações Finais

A mulher encontra-se inserida de forma direta no processo de produção material da sociedade, o que tem gerado uma gama enorme de debates e modificações relevantes na estrutura social, visto que à mulher ainda se atribui a responsabilidade por toda a organização e manutenção moral do espaço doméstico.

Neste contexto no qual a mulher se encontra é que ganha importância à discussão acerca de sua efetiva inserção no mundo do trabalho e da persistência da discriminação sexista neste meio, porque, historicamente, as mulheres ocupam posição inferior aos homens no mercado de trabalho. Os dados demonstram que, mesmo com a existência de alguns avanços, a força de trabalho feminina segue desvalorizada em relação ao trabalho masculino. Isso evidencia que o capital se opõe ao processo de emancipação da mulher, visto que ele necessita, para a preservação do seu sistema de dominação, do trabalho feminino, tanto no espaço produtivo como no reprodutivo, preservando, em ambos os casos, os mecanismos estruturais que geram a subordinação da mulher.

Apesar dos avanços conquistados pelas mulheres, ainda é visível a desigualdade de gênero, tanto com relação ao salário pago as mulheres para a mesma função dos homens quanto à inserção no mercado de trabalho. Ou seja, uma relação de igualdade substantiva no espaço reprodutivo, como no espaço produtivo, não é do interesse e, nem tão pouco, faz parte da lógica do capital, que no máximo “permite” uma relação de igualdade apenas formal. Marx lembra que na “relação com a mulher como a presa e a criada da luxúria comunitária está exprimida a degradação infinita em que o ser humano existe para si mesmo, pois o segredo desta relação tem a sua expressão inequívoca, decidida, manifesta, desvelada, na relação do homem com a mulher e no modo como é tomada a relação natural, imediata do gênero” (MARX, 1983, p.166-167).

Isso evidencia que o capital se opõe ao processo de emancipação da mulher, visto que ele necessita, para a preservação do seu sistema de dominação, do trabalho feminino, tanto no espaço produtivo como no reprodutivo, preservando, em ambos os casos, os mecanismos estruturais que geram a subordinação da mulher.

É possível afirmar que a articulação entre a esfera da produção e a esfera da reprodução ocorre baseada na lógica da divisão sócio sexual do trabalho existente tanto no mundo assalariado como na família patriarcal. Portanto, a importante categoria da divisão sócio sexual do trabalho presente na esfera produtiva e reprodutiva possibilita a articulação das duas dimensões que definem essa relação, o trabalho e a reprodução. Vale afirmar que na luta por uma divisão sexual do trabalho com mais igualdade esteja presente no objetivo da superação da relação capital/trabalho. Uma vez que sob a lógica da expansão do sistema capitalista, o espaço produtivo absorve cada vez mais a força de trabalho feminina, confirmando a sua feminização.

Referências

AMARAL, Maria Virgínia Borges. **O avesso do discurso**: análise de práticas discursivas no campo do trabalho. Maceió: Edufal, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 1990, p. 71-163.

GEM - **Global Entrepreneurship Monitor**. Disponível em: <<http://www.gemconsortium.org/report/49480>>. Acesso em: jun. 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico do IBGE**. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: jun. 2016.

MAGALHÃES, B. Trabalho, Gênero e Educação. In: MAGALHÃES, B; BERTOLDO, Edna. (Org). **Trabalho, Educação e Formação Humana**. Maceio: Edufal, 2005. p. 32-34

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844**. São Paulo: Ática: 1989 [1974] [1983].

_____. **Capítulo VI, inédito de O capital**. São Paulo: Centauro, 2004a.

MÉSZÁROS, I., **Para Além do Capital**, Boitempo Editorial, São Paulo, 2002. Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/para-alem-do-capital-200>>. Acesso em: jun. 2016.

Organização Internacional do Trabalho (OIT). **Mulheres no Trabalho: tendências 2016**. 2016. Disponível em: <<http://www.ilo.org>>. Acesso em: jun. 2016.

ONU MULHERES. **Relatório “Progresso das Mulheres no Mundo: Transformar as economias para realizar os direitos”**. 2015. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-mulheres-faz-hoje-274-lancamento-mundial-do-relatorio-progresso-das-mulheres-no-mundo-transformar-as-economias-para-realizar-odireitos/>>. Acesso em: jun. 2016.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.] Campinas: Editora da Unicamp, 1988 [1997].

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993, p. 163-252.

Recebido em: 05/02/2017

Aceito em: 20/06/2017